

A fusão entre suportes e enunciados para a criação de sentidos

Brackets and statements fusion to create senses

Dagoberto Buim Arena *

* Professor Livre Docente pela Universidade Estadual Paulista. Professor do Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, campus de Marília. E-mail: dagobertobuim@gmail.com.

Resumo

As investigações sobre enunciados e seus suportes ocupam o universo da alfabetização, embora essa relação não seja reconhecida como importante na proposição de atos de escrita e de leitura. O objetivo do artigo é o de evidenciar a relação histórica e a atual entre inscrição e suportes na vida social, e de sugerir o olhar sobre o valor dessa relação para a alfabetização de crianças. Resultado de estágio do autor em Paris, no ano letivo 2013-2014 como bolsista FAPESP, o artigo retoma investigações recentes sobre o tema e analisa suportes e inscrições fotografados pelo próprio autor. Para isso, os núcleos temáticos de referência abordam a natureza perene ou efêmera dos suportes, o seu valor e os modos de sua circulação. As conclusões indicam que, apesar dos limites vividos pelas salas de aula, é necessário preservar a relação entre os enunciados e seus suportes.

Palavras-chave

Alfabetização. Inscrições. Suportes.

Abstract

Investigations about enunciations and their medias also hold the universe of literacy, although this relationship between them is not recognized as important proposition to acts of writing and reading. The objective of this article is to highlight the historical and current relationship between enunciation and his media in social life, and suggest looking at the school level to the value of this proposition for the literacy of children. Result of the author's stage in Paris, in the academic year 2013-2014 (FAPESP), the article takes up recent research on the subject and analyzes media and inscriptions photographed by the author himself. For this, the thematic core of reference are perennial or ephemeral nature of the media, its value and the modes of its circulation. The findings indicate that it is necessary to preserve the relationship between the enunciations and their medias, despite the limitations experienced by classrooms.

Key words

Literacy. Inscriptions. Media.

1 Introdução

Algumas das incursões por mim feitas por salas de aula de crianças em processo de alfabetização me trouxeram inquietantes perguntas sobre o núcleo do objeto a ser ensinado. Não alimento dúvidas de que, em vez de ensinar as unidades linguísticas pertencentes ao mundo da língua oral e suas correspondentes no mundo da língua escrita, a conduta que respeita mais a inteligência das crianças e a cultura escolar brasileira, reconstruída após a falência do pensamento ditatorial dos anos de 1970 e 1980, é a de oferecer aos alunos enunciados discursivos escritos, isto é, as criações verbais humanas que usam o sistema linguístico para sua inscrição em um suporte e, por meio dele, circular nas esferas sociais nas quais são lidas e modificadas. Esse encontro entre enunciados e seus suportes não é devidamente considerado como importante na proposição de escrita e leitura para as crianças pequenas, porque o suporte não foi considerado pela cultura da alfabetização como um material que recebe a escrita e com ela pode se fundir para criar sentidos e valores. Não se trata aqui de atribuir a ele a condição de produzir por si só um valor, mas considerar que quem inscreve um enunciado em um suporte faz dele um objeto por meio do qual cria sentidos e o coloca em uma rede de relações axiológicas.

Ninguém afirmaria que a entrada de suportes variados na escola poderia ser feita sem grandes esforços, entre-

tanto boas professoras já levam em suas sacolas muito mais enunciados em suportes originais do que suas colegas das décadas de 1970 e 1980. Formadas em universidades ou no próprio lugar de trabalho, receberam a influência do pensamento de Ferreiro e de Teberosky (1989), e de seus discípulos, que, pela primeira vez, introduziram na alfabetização brasileira o conceito de suporte, ainda que de maneira não muito esclarecedora. Quase ao mesmo tempo, vieram as contribuições nessa área das francesas Jolibert (1994) e Charmeux (1994).

Ao propor que a escola incorporasse em seu cotidiano a escrita criada nas relações sociais, o pensamento construtivista defendido por Ferreiro e Teberosky introduziu também a importância que poderia ser dada ao material que recebe as inscrições. Entretanto obstáculos existentes na própria instituição escolar e a maneira de a escola operar metodologicamente não têm permitido a circulação, em sua própria esfera, de enunciados grudados em seu suporte originário.

Inegavelmente, a sala de aula é uma esfera própria para trabalhos e enunciados escolares, mas encontra dificuldades para se articular com o mundo fora dos muros. Entretanto é possível romper algumas fronteiras se alguns passos forem dados, mesmo que indecisos. Anuncio, nesta introdução, sem muito aprofundar, uma situação costumeiramente vista em escolas, apesar dos avanços das metodologias de alfabetização a respeito do valor do

suporte: a de escrever nomes em tiras e de colá-las em objetos existentes na sala de aula, como porta, lousa, parede, armário. Desse modo, os alunos veem a palavra *porta* escrita em uma porta, *lousa* em lousa, *parede* em parede e *armário* em um armário. A palavra registrada, desse ponto de vista, se revela como a etiqueta do objeto. Por essa mesma prática, *papel* deveria ser escrito em papel, *pedra* em pedra, *tela* na tela, *caneta* em caneta. Entretanto, em papel, pedra, tela e caneta inscrevem-se outros enunciados que não são os seus próprios nomes. Em uma porta encontra-se a palavra *cozinha*; na pedra, *jean*; na tela, *compre agora*, na caneta, *vunesp*. É inegável que muitos documentos escritos, considerados autênticos, já circulam pelas escolas, mas o conceito de que as palavras têm uma função mais ampla que a de simplesmente etiquetar objetos ou fotos exige maior aprofundamento.

Os alunos têm as condições de entender que a composição gráfica da palavra posta sobre o suporte não se refere ao nome dele, porque ele desempenha uma função: a de garantir a circulação de enunciados escritos, de modo mais ou menos duradouro, conforme seja sua materialidade – um guardanapo usado em uma mesa de bar, uma placa de bronze ou uma mídia volátil – e, por essa mesma razão, a de atribuir a esses enunciados valores de alta ou de baixa importância. Insistir em reconhecer o suporte como constituinte dos enunciados é um dos objetivos deste artigo, partilhado com o de contribuir para o

redimensionamento de reconhecer o ato de a criança se alfabetizar como um ato de apropriação dos enunciados discursivos, cujos sentidos e valores estão amalgamados aos seus suportes.

Para bem chegar a esses objetivos, o percurso da exposição será razoavelmente sinuoso, porque deverá abordar historicamente as inscrições e os sinais de escrita em suportes os mais estranhos e os mais diversos. Fotos de alguns deles e de suas inscrições serão analisadas com a intenção de desvelar o modo como os enunciados circulam. Não espere, portanto, o leitor, que os suportes usados pelas escolas sejam aqui analisados. O objetivo é o de evidenciar o valor deles na sociedade, para que a alfabetização possa romper seus limites para ousar fundi-los às palavras e aos textos para a criação de sentidos.

2 Relações entre suportes e circulação de enunciados escritos

Antes de chegar a elaborar seus sistemas de escrita, os homens, no ocidente ou no oriente, inscreviam sinais em superfícies as mais variadas, escolhidas de acordo com os objetivos do sujeito que os gravava. A pedra bruta ou a pedra burilada, o granito ou o mármore, trouxeram até os dias de hoje algumas dessas marcas feitas mesmo para durar, para atravessar os séculos, para serem perenes, senão eternas, mas a areia – a mesma pedra transformada em finos grãos – servia como suporte para os sinais de curta vida, com o apagamen-

to quase imediato, porque era, e é, de circulação efêmera. O valor atribuído às mensagens inscritas definia a escolha do suporte, mas todas elas eram construídas para serem apreendidas, pelo menos primeiramente, pelos olhos do interpretante. O suporte, a mensagem pictórica e o valor a eles atribuído pelo *inscritor* criavam sentidos, recriados em outro tempo e em outro espaço pelo observador. Inscrever figuras isoladamente ou inscrevê-las em uma cadeia pictórica eram ações indicadoras que marcavam a diferença entre desenhar e escrever. Não deixa de ser provocadora a afirmação de Vialou (2012, p. 24) de que

A anterioridade do inscrito sobre o escrito não poderia ser concebido como uma gênese. Um não substitui o outro e nenhuma filiação manifesta não se furta de uma análise comparativa. Mas parece claro que o escrito fincou raízes nos terrenos férteis resultantes da maturação cerebral e social do *Sapiens* originário, mais tarde geradora dos sistemas de representação gráfica. A relação entre inscrito e escrito é aquela de seus autores, os *Sapiens*. Isso depende da faculdade, que possuem todos os dois, de transmitir o sentido, conjuntamente codificado e simbolizado.

São frequentes as afirmações no seio dos estudos sobre a alfabetização de que os sistemas de escrita foram criados pelo homem como resultado de

evoluções de marcas pictóricas, e, como bem afirma Vialou (2012), são duas manifestações humanas que intercambiaram informações, mas mantiveram suas características de representação gráfica e de criação de sentidos. Esse ponto de vista abala a convicção geral no mundo ocidental de que a escrita é filha do desenho, e abala também a visão restritiva, limitada e de proporções provincianas, de que o sistema de escrita ocidental ocuparia um estágio avançado em relação aos sistemas orientais, que teriam se estagnado em um desses estágios evolutivos dos sistemas linguísticos. Não é minha intenção, neste momento, de avançar na discussão sobre a evolução dos sistemas, mas não resisto à tentação de trazer a manifestação de Pinault (2012) sobre a evolução dos sistemas antigos indianos de escrita, o *brāhmi* e o *kharosthi*. Esse especialista coloca entre aspas a palavra *progresso*, com a intenção, quero crer, de atribuir a ela certa desconfiança, ao comparar a escrita silábica com a alfabética:

O sistema indiano de escrita se deixa dificilmente classificar em uma tipologia habitual de escrituras fonéticas que distinguem rigorosamente silabário e alfabeto, esse último sistema sendo considerado como um “progresso” em relação ao precedente. Poder-se-ia dizer que esse sistema combina as vantagens de um silabário e de um alfabeto. (PINAULT, 2012, p. 115).

Essa observação pode ser aplicada em relação a todas as línguas de natureza predominantemente ideográfica, consideradas, por teóricos do ocidente, como línguas pouco evoluídas. A história vai mostrar que não cabe nessa questão nenhum julgamento de valor. Ao empregar em seus escritos os sistemas kanji, hiragana e katakana, os japoneses impulsionam seu mundo informatizado. Nesse mundo, a norma utiliza apenas 6335 sinais, dos 64000 *kanji* existentes (GRIOLET, 2012, p. 146). O sistema *hiragana* constituído pela base silábica e o *katakana* que serve a palavras vindas do ocidente enriquecem ainda mais escrita, sem causar problemas como assim julgam os ocidentais.

Desde os anos 70, a escrita japonesa subiu sobre o veículo da informática, quando ela tinha mal vivido a era do telégrafo e da máquina de escrever: o traçado de milhares de sinais é memorizado nos processadores que os têm na palma da mão, os programas mais e mais sofisticados convertem os dados registrados foneticamente – a partir de um simples teclado alfanumérico – em cadeias de caracteres misturando os diferentes tipos de signos utilizados. As distâncias se manifestam desde o presente entre a inflação de sinais raros que permitem facilmente o registro informático e a rarefação da escrita manuscrita. A generalização do computador e o abandono da

prática intensiva da escrita manuscrita farão com que se perca a memória ancestral da mão? (GRIOLET, 2012, p. 1471-148).

Os processadores dão conta até mesmo dos traçados milenares, cuidadosamente ensinados por mestres a aprendizes, como os traços da caligrafia, também valorizada entre os ocidentais. Uma e outra, em seus próprios mundos culturais, sempre portaram valores e sentidos, mas a era do computador veio abalar muito mais a caligrafia da escrita alfabética, relegada hoje ao mundo da arte, do que a japonesa, de cuja direção e acabamento do movimento emanam indicações de sentido. Mesmo assim, Griolet (2012) deixa no ar indagações sobre o futuro dessa tradição.

A história da escrita e a sua relação com seus suportes, desde as manifestações primeiras até a era digital, demonstram que a natureza humana olha para as marcas para vê-las e a elas atribuir sentido, sem ter que, obrigatoriamente, submeter a atribuição de sentidos à cadeia sonora que pode ser retirada da escrita de natureza alfabética. Na França, nos anos 1980, a visão tipográfica de Richaudeau, segundo Renonciat (2012), se apegava à ideia de *visualização dos sentidos* nos manuais escolares, fazendo coro ao movimento de tratar a leitura como ato ocular de atribuição de sentidos, como fazia e faz a escrita japonesa. Infelizmente, 30 anos depois, algumas vozes desse coro se foram, e outras já não têm mais um palco de onde poderiam ser ouvidas.

As inscrições e os enunciados sempre necessitaram de um suporte físico para se circular, para serem vistos e interpretados. Entraram em cena, para dar conta dessa necessidade, a criação de suportes que satisfizessem o objetivo de quem inscrevia ou de quem escrevia. Os vegetais foram grande fonte de recursos, mas os objetos sólidos como a pedra, ou os que sobreviviam à deterioração dos corpos de animais, como os ossos, foram os primeiros a dar ao homem a possibilidade de lançar mais longe as sementes de sua cultura. Vandermeersch (2012) encontra as primeiras manifestações da escrita nesses suportes de natureza perene, principalmente em omoplatas de animais e carapaças de tartaruga, utilizadas para cerimoniais de previsão do futuro, como os oráculos gregos e romanos na antiguidade clássica. Inscrições oraculares chinesas criadas entre os XIV e XI a. C. foram encontradas em uma carapaça. Eram, segundo Vandermeersch (2012), escritas ideográficas, porque cada grafia representava uma unidade distinta no discurso no nível da primeira articulação, isto é, a dos sentidos, e, diferentemente dos grafismos neolíticos, eram signos articulados entre si, motivo pelo qual afirma se tratar de uma escrita. Entende esse estudioso que, por causa da relação da escrita com o processo de adivinhação oracular, a escrita chinesa é “filha da adivinhação” (VANDERMEERSCH, 2012, p. 99.)

Há, entretanto, outro aspecto que merece ser observado em relação ao uso da carapaça como suporte.

Vandermeersch faz alusão ao fato de que a tartaruga era “considerada como um modelo reduzido do espaço-tempo cósmico” (VANDERMEERSCH, 2012, p. 98) uma vez que a carapaça possuía forma hemisférica, como o céu em relação à Terra, e o corpo chato, plano, como a Terra em relação ao céu. Agrega-se a essas formas, a natureza longeva da tartaruga em relação aos demais animais, sobretudo ao homem.

Desse modo, o casco da tartaruga, mais que os ossos, incorporava o sentido da perenidade, da eternidade, como o registro importante de previsões dos oráculos revestidas de inegáveis sentidos axiológicos, porque vinham do sagrado e estavam sujeitas a confirmações no futuro. O sentido das mensagens e o seu valor fundiam-se com escolha do suporte em que elas eram escritas, considerando-se, sobretudo, o tempo e as esferas sociais por onde a carapaça poderia fazer circular essas mensagens. Outro aspecto pode ser relacionado à forma cósmica do material: o homem interpretava os sinais dos céus, durante o dia e durante a noite, para tomar decisões; olhava e via esses sinais como um fluxo articulado de indicações. O céu era uma tela com ícones por onde o homem olhava o mundo, do mesmo modo como olhava o lado côncavo da carapaça para ler a escrita ideográfica nascida das previsões dos oráculos. Esse suporte, mais do que todos os outros, representa a consciência gráfica do homem em sua relação com a escrita, uma consciência de tela, como afirma Christin (2009),

em vez de uma consciência fonológica que seria exigida pela escrita alfabética. Como a escrita ocidental não é puramente alfabética, o homem recupera, na era digital, pelas telas, essa sua consciência durante tempos ofuscada.

O casco da tartaruga pode corresponder à tela hemisférica tridimensional da Géode do Parque de la Villete em Paris em pleno século XXI, mas difere dela no quesito durabilidade, no valor das mensagens e nas esferas nas quais fazem circular seus enunciados. A síntese cósmica da tartaruga supera à da tela dos aparelhos digitais, mas perde no aspecto da multiplicidade de funções.

3 Entre o suporte perene e o perecível: valores e circulação de inscrições e enunciados

A natureza da inscrição, seu modo e seu tempo de circulação, sugeriram a escolha diferenciada de suportes na Grécia antiga. Uma situação exemplar refere-se ao período do nascimento da democracia e a vigília exercida pelos cidadãos sobre os líderes que, de alguma forma, iniciavam uma escalada ao topo do poder. Para inibir o avanço de pessoas com excessiva influência, seis mil inscrições de um nome em um fragmento de cerâmica – o *ostrakon*, em um determinado dia do ano, conduziria seu portador ao ostracismo, mesmo dentro ou fora de Atenas. Se o registro do voto se fazia em cacos de cerâmica, o registro da sentença final, conforme o estatuto do julgado, deveria encontrar o suporte

adequado para garantir sua perenidade. A cerâmica recebia inscrições temporárias, mas as definitivas eram registradas em pedras ou em placas de bronze. Se alguns condenados ao ostracismo tinham seus nomes perpetuados, os dos heróis, por sua vez, também recebiam esse tratamento, uma vez que as honras e privilégios concedidos eram gravados em mármore e colocados à vista de todos no mercado público. Decisões oficiais também eram gravadas em pedra e expostas nos santuários, especialmente em Delfos, porque havia grande circulação de pessoas (DOBIAS-LALOU, 2012).

A escolha dos suportes – madeira, mármore ou bronze – incluía a atribuição de valor à inscrição. A escolha do local onde ficaria ela exposta seria decidida pelo valor a ela atribuído. Depositar a pedra com a sentença de ostracismo, ou das honras aos heróis na Ágora em Atenas, ou ainda o depósito de uma oferenda em Delfos, garantia maior visibilidade e, ao mesmo tempo, a perenidade dos enunciados. Inscrição, suporte e circulação das inscrições fundem-se pela intenção do *inscritor* com o intuito de oferecer aos espectadores-leitores a possibilidade de recriar sentidos e valores. Nas ruínas do Teatro de Dionísio, em Atenas, podem ser vistas as inscrições em cadeiras de mármore, que indicavam para qual ocupante de importante função social eram elas reservadas. Diferentemente dos dias atuais, em que um pedaço de papel reserva o assento para um espetáculo, a inscrição na cadeira de mármore, a céu aberto, garantia a sua perenidade e ao

mesmo tempo concedia destaque a seu ocupante, este sim, efêmero.



Figura 1 – Teatro de Dionísio, Atenas.
(Foto do Autor)

Além da perenidade, do valor e do modo de circular uma mensagem, pode-se ainda agregar outro aspecto, o estético, porque “escrever não é somente fixar sobre um suporte uma mensagem transposta em sinais convencionais, mas também criar um objeto artístico. A inscrição era concebida em ligação estreita com seu suporte esculpido, pintado, batido ou ainda feito de outro modo” (DOBIAS-LALOU, 2012, p. 244). Havia também a integração da mensagem ao objeto que se manifestava no plano linguístico, situação conhecida como os objetos que falavam, notadamente em tumbas. As inscrições nas lápides, apesar de frias, sempre se dirigiram aos circulantes, de todas as épocas, como a citada por Dobias-Lalou (2012, p. 245): “eu sou o monumento de Glaukos, filho de Léptines; os filhos de Brentés me consagraram”.

Esses suportes perenes contrastam com os flexíveis e perecíveis envelopes que portam os pães produzidos por uma padaria próxima da Porte d’Orléans, em Paris, em 2014. Na tumba grega, o corpo enterrado tornava-se vivo a cada vez que um passante dava voz às inscrições. Havia uma fusão entre corpo, inscrição e suporte que, juntos, mantinham, com a ajuda do outro, a vida; a alma voltava a falar graças à junção desses três elementos. Em situação semelhante, pela inscrição do envelope do pão parisiense, o consumidor dirige-se aos outros consumidores que, ao lerem-na, dão vida ao pão. Na tumba grega, os ossos preservavam o corpo, e a crença preservava a alma, por isso o suporte perene era requisitado. No caso da padaria parisiense, a vida do pão e a do suporte são bem curtas. Em pouco tempo, o pão é devorado; não sobram ossos, nem alma. O papel, na forma de envelope, é amassado, destruído antes mesmo da destruição do pão. Por essa razão, o papel é flexível, e o envelope, efêmero. Na primeira inscrição, é um consumidor singular que se dirige aos demais para ocupar o papel de porta-voz dos demais. Dois envelopes, duas inscrições e duas fotos trazem os dados aqui comentados.



Figura 2 – Embalagem de pão *La Festive* de padaria parisiense. (Foto do Autor)

La Festive. Eu tive um reencontro. É uma revelação... Trata-se de Festive, elaborada a partir de farinha Label Vermelha. O meu padeiro que me retrçou as origens me certificou de que tudo foi feito para acariciar minhas papilas. Não fui o único a viver essa experiência. La Festive foi muitas vezes reconhecida como o sabor do ano. La Festive apresenta características gustativas excepcionais. [...]

Na segunda inscrição, o padeiro explica ao consumidor suas escolhas.



Figura 3 – Embalagem de pão *La Festival* de padaria parisiense. (Foto do Autor)

Para elaborar esta baguete Festival, eu quis uma farinha de qualidade composta a partir dos melhores trigos. Eu falei com meu Moulin Régional Festival que me propôs a Farinha Festival. As qualidades gustativas desta baguete resultam de uma fabricação tradicional com uma longa fermentação (fabricação de amassado lento ou sobre poolish). Isso permite um desenvolvimento dos aromas sutis, tudo garantindo uma boa conservação.

Valor da inscrição, natureza pere-ne ou perecível do suporte e modo de circulação estão imbricados de tal forma que juntos criam sentidos inesperados. O envelope circula por pouco tempo pelas mãos dos consumidores – entre a padaria e a chegada a casa – e por essa razão é um suporte altamente perecível, mas a inscrição não é única como a de uma tumba. Reproduzida aos milhares,

circula todos os dias pelas mesmas mãos ou por mãos diferentes. Paradoxalmente, apesar de perecível e de efêmera vida diária, o papel no formato de envelope-suporte faz reviver todos os dias a inscrição de que é portador. Esses enunciados discursivos escritos, se circulassem sem o seu suporte, não teriam o mesmo sentido.

Outra situação que se relaciona a objetos que “falam” foi esta flagrada na Hungria. Em uma das ruas da colina onde se situa o castelo de Budapeste, em um domingo de inverno em fevereiro de 2014, um velho Trabant, remanescente dos tempos do regime comunista, estava ali estacionado. Como um bom mendigo, limpo e asseado, “falava”, como as lápides da antiguidade, por meio de um pequeno texto digitado, em folha simples, de fundo branco, colado no vidro da porta do lado do carona. Em inglês, obviamente “se dirigia” aos turistas que, movidos pelo pedido insólito e bem humorado, não negavam a moeda solicitada, depositada em um improvisado envelope transparente também colado ao vidro. O pequeno pedido assim estava redigido: “SUA DOAÇÃO SERÁ GASTA COM MINHA MANUTENÇÃO. OBRIGADO.”



Figura 4 – Carro em Budapeste, Hungria. (Foto do Autor)

Enquanto, na Grécia antiga, um homem morto se dirigia aos passantes para se apresentar, em Budapeste, na segunda década do século XXI, um carro moribundo se dirigia aos turistas para tentar sobreviver. Resta saber se o dinheiro seria mesmo empregado em sua manutenção ou na preservação da vida de seu proprietário-explorador. Lá, a inscrição estava perpetuada em uma pedra e fala até hoje; aqui, o carro fala temporariamente aos passantes por um enunciado em um pedaço de papel para adiar a morte. Mais adiante volto a abordar esse esperto pedido. O modo como registro minhas observações a respeito desse enunciado e do cenário aporta já juízos de valor.

Há ainda, quando se considera o aspecto axiológico das inscrições e de seus suportes, razões para destacar a diferença entre um ato oficial e um não oficial. Em alguns períodos históricos, os enunciados escritos de origem legal exigiam os suportes perenes, enquanto os

produzidos pelos cidadãos comuns usavam os perecíveis. No império romano, entretanto, nas ruínas de Pompéia foram encontradas inscrições populares em suportes não perecíveis como paredes e pedras (BRIQUEL, 2012, p. 253). Foram exceções em um mundo românico que usava os pergaminhos, que em Pompéia foram rapidamente destruídos pelas cinzas vulcânicas. A escolha do suporte, como sempre, vai sempre depender da natureza da inscrição, de seu valor, por onde vai circular e das intenções de seu autor.

4 Os sistemas de escrita, seus suportes materiais e imateriais

Um pouco mais além da natureza perecível ou efêmera, e da relação com o modo de circulação, não apenas do objeto físico, mas das inscrições, descortinam-se outras relações do suporte com os sistemas de escrita e com o modo de escrever. Refiro-me diretamente aos modos de inscrição de escritas alfabéticas e das não alfabéticas que respeitam a natureza gráfica, de um lado, e de outro, os movimentos das mãos e os instrumentos por elas manipulados. As escritas orientais se relacionaram com seus suportes de modo diverso daquele que as relações das escritas alfabéticas mantiveram e mantêm com os seus. Japão e Índia se tornaram claros exemplos desses usos. No Japão, no século XVIII (GRIOLET, 2012), papéis utilizados para escrever cartas eram escolhidos pelas mulheres de modo que pudessem

harmonizar aromas, textura e cores da estação. Íntimas, as cartas-bilhetes eram levadas por meninos mensageiros, algumas vezes com enunciados sulcados apenas pelas pontas sem tinta, para manter o sigilo. Escrita, suporte e modo de circulação envolviam enamorados em ambientes de sedução.

Essas descrições sugerem que a escrita e seus suportes participam de uma arte de sedução: as mulheres escreviam algumas vezes suas mensagens sobre folhas de papel perfumadas que elas portavam permanentemente; a abertura de um bilhete podia constituir a primeira descoberta de intimidade do ser querido que ter-se-ia podido, no máximo, ver por detrás das persianas. (GRIOLET, 2012, p. 142).

Poucos desses bilhetes sobreviveram até os dias de hoje, segundo Griolet (2012), por serem íntimos e privados. Pode-se acrescentar ainda que a natureza efêmera do escrito e de seu suporte pode ser explicada pelas características do papel, pelas inscrições feitas para desaparecer com o tempo, a fim de evitar comprometimentos pessoais de suas autoras, e pelas características de sua circulação, restrita a mensageiros às escondidas. Nesse caso, suporte, escrita e circulação são agregados a outros elementos, como perfume e sentimentos, para criar um profundo mundo de sentidos compartilhados, escritos em *hiragana*, sistema mais utilizado pelas

mulheres, uma vez os homens usavam preferencialmente o *katakana* (GRIOLET, 2012, p. 144).

A cultura indiana registra uso de suportes variados, utilizados tanto para inscrições quanto para elaboração de manuscritos (PINAULT, 2012). As pedras e os metais eram os materiais escolhidos, mas, para os enunciados eram as folhas e as cascas os preferidos. De um lado, havia a intenção de perenizar, de outro, a de indicar a natureza efêmera da inscrição. Essa situação oscilante marcada pelo tempo acompanha a história da escrita em todas as civilizações. Na Índia, a umidade aniquilava os suportes vegetais rapidamente, exceto os que estavam armazenados em regiões mais áridas. De algum modo, isso revela também o valor dos manuscritos, ou da própria escrita, em uma região em que a riqueza cultural e a cultura religiosa budista eram transmitidas pela oralidade, muito mais segura nessa época do que os frágeis suportes físicos. A gravação virtual criptografada nos computadores de hoje, de natureza imaterial, se aproxima do registro virtual no cérebro daquela época. Na cultura budista, a palavra foi sempre julgada superior à escrita, considerada própria para a esfera profana, uma vez que não se podia confiar a ela os tesouros do saber e da religião (PINAULT, 2012, p. 105).

Apesar dessa conduta cultural, no início da era cristã, o uso do escrito era permitido quando não punha em risco a transmissão cultural entre mestre e aprendiz. Esses escritos, organizados

em livros, davam a estes um valor tão inestimável que, quando completamente deteriorados, eram enterrados como os humanos. A relação entre escrita e suporte ultrapassa os contornos do efêmero e do perene ao se manifestar também no reino da legibilidade, da relação entre o sinal e o fundo que o acolhe. Havia, como sempre, o cultivo da cultura da tela, do fundo, que deixava ver claramente as marcas gravadas. Havia já o desenvolvimento da cultura da legibilidade, isto é, da escrita dirigida mais para os olhos, menos para os ouvidos. O uso da escrita, como escreve Pinault (2012),

[...] não perde jamais sua visão simples e prática: a legibilidade imediata. Para isso, os escribas tiram partido do contraste entre o desenho e o suporte, notadamente graças ao escurecimento da escrita sobre um fundo claro, eventualmente branco, de efeitos de paralelismo facilitados pelo desenho das letras e da regularidade da linha superior obtida pela sucessão impecável de “potências” (mãtrã), barras ou colchetes constitutivos de todos os caracteres. (PINAULT, 2012, p. 125).

Essa relação entre o modo de escrever o sânscrito e o fundo dos suportes, com valor dado aos espaços, considerava os olhos como a melhor referência, porque a escrita devia “ser ‘fulgurante’ ou ‘afetar’ os olhos” (PINAULT, 2012, p. 125). Essa característica da

escrita dirigida para a visão mantém, nos dias atuais, estreita ligação com seu suporte, enquanto a que toma como referência os ouvidos não a considera como fundamental.

Vandermeersch (2012) refere-se a um mestre da caligrafia chinesa que atribuía o fracasso dos grandes caracteres ao fato de serem muito fechados, destituídos do branco que compõe o fundo do suporte, enquanto os pequenos eram bem espaçados para acolher o fundo branco: “Os espaços brancos bem proporcionados produzem o que se chama a *respiração na caminhada* [os caracteres]. Em *cursiva*, e muitas vezes em *corrente*, os caracteres são ligados entre si (VANDERMEERSCH, 2012, p. 97, grifos do autor). O espaço branco em suportes perenes, como o mármore entre os gregos, possibilitava a organização da escrita para os olhos, como a relação de soldados mortos em colunas analisadas por Dobias-Lalou (2012). Esse costume não permaneceu, entretanto, restrito à antiguidade grega. A França, desde o século XIX, mas muito mais após a Grande Guerra (1914-1918) e a Segunda Grande Guerra (1939-1945), venera seus combatentes, tanto os que participaram das ações militares diretas, quanto os que formavam os corpos civis de resistência ao nazismo. Em todas as cidades que cederam homens, há uma pedra com a relação nominal dos soldados ou de civis combatentes.



Figura 5 – Monumento membro da resistência francesa. (Foto do Autor)

Aplainada, a parte central da superfície irregular do bloco de mármore registra, com a intenção da perenidade, a homenagem a uma combatente da resistência na cidade de Avranches, na Baixa Normandia. Semelhante às inscrições de soldados gregos, as placas atribuem, pela escolha do suporte, um valor que se amalgama à inscrição e se torna portavoiz de uma pequena comunidade, sempre renovada, aos passantes de todos os tempos e de todos os lugares.

O tópico apresentado abaixo incorpora outras fotos, registradas pelo autor deste artigo, que as analisará tomando como referência o material do suporte, seu design, a sua natureza efêmera ou perene, o seu valor, a sua circulação e o impacto público que podem criar.

5 Entre o passado e o presente

A escultura de um guerreiro da Idade do Ferro exposta no Museu dos Nichos, em Viana do Castelo, no Alto

Minho, em Portugal, porta, no próprio corpo, as seguintes inscrições: *A Clodamus Sestius, filho de Corocaudius.*

L(ucius)Sestio Corocondius, liberto de Lucius (irmão, amigo) camarada (mandou fazer).



Figura 6 – Estátuas de guerreiro e informações sobre tradução. Casa dos Nichos, Viana do Castelo, Portugal. (Fotos do Autor)

Sem idade definida, as inscrições foram gravadas em pedra, matéria em que fora esculpido um corpo humano, com indicações do autor da encomenda, de homenagem a um soldado morto e de suas relações parentais. Como os gregos que vieram depois desse povo, e os franceses recentes, a homenagem aos soldados escolhe a pedra para perenizá-la e lhe atribuir valor moral e patriótico. O corpo humano esculpido na pedra, apesar de imóvel, continua a distribuir suas inscrições aos visitantes do museu e a testemunhar os costumes de uma

era que repercutiria nos costumes dos milênios seguintes.

Em outro cenário, as inscrições em português no início da formação de Portugal, em um monumento de pedra sobre a ponte romana em Ponte de Lima, distribuem aos milhares de passantes, turistas ou não, as informações que, na origem, pretendiam ultrapassar os limites do século em que foram gravadas. A função, portanto, era a de dar valor a quem mandou erigir as torres que iniciam e concluem a travessia da ponte.



Figura 7 – Monumento em Ponte de Lima, Portugal. (Fotos do Autor)

Ao pé do monumento, com brasão da realeza, outro suporte, em metal, traz a versão atual do texto esculpido, com a intenção de fazer entender aos passantes, o registro em um português que teria sido, na época, considerado como sempre legível, uma vez que o homem, ao fazer registros, não considera o caráter evolutivo da língua, tanto a oral, quanto a escrita. A versão registrada em aço, em caixa alta, é a seguinte:

REINA O MUI NOBRE REI DOM PEDRO NA ERA DE MIL TREZENTOS NOVENTA E SETE ANOS (C. 1359) MANDOU CERCAR ESTA VILA E FAZER ESTAS TORRES POR ÁLVARO PAES QUE ERA SEU CORREGEDOR E COMEÇARAM A BOTAR (JUNTAR) A PEDRA (A) 8 DE MARÇO E COMEÇARAM AFUNDAR AOS SEIS DIAS DE JULHO.

Dois suportes perenes se superpõem para garantir a informação às gerações futuras. Um com a inscrição

original, outro com a tradução. Na escultura do guerreiro na Casa dos Nichos em Viana do Castelo, a inscrição também se deslocou para outro suporte semelhante, outra estátua em material leve, não para ser compreendida pelos visitantes, mas para que os sinais e sulcos pudessem ser mais bem destacados. A escolha dos suportes, de ontem e de hoje, incorporam o valor histórico das inscrições. Enquanto a escultura encontra o abrigo no museu, a pedra e o metal permanecem sobre a ponte em Ponte de Lima, do mesmo modo que pedras com gravações gregas permanecem nas ruínas em Delfos, na Grécia, ou as inscrições no grande teatro romano em Lyon, na França.

A intenção de perpetuar inscrições, nos tempos pré-antiguidade grega ou nos tempos atuais, se dirige para a escolha de suportes fisicamente duros que possam suportar as ações imperceptíveis da natureza: a umidade, o bolor, o sol, a chuva, as alterações climáticas e as ações humanas. Essa escolha pode ter

a intenção de perpetuar atos heróicos, como a de preservar os atos da resistência francesa, ou a de perpetuar as ações vis praticados por homens e suas máquinas, como as dos nazistas. Em pedra, vidro ou metal, o rastro do genocídio judeu parte das paredes externas de uma escola em Paris, passa por uma estação de trens em Compiègne na França, e chega, como os trens, ao campo de extermínio de Birkenau, na Polônia.

Em Paris, com letras douradas em caixa alta, na parede de uma escola, a inscrição em placa de material durável, negro, é de denúncia e de alerta:



Figura 8 – Homenagem a alunos vítimas do nazismo em Paris. (Foto do Autor)

À MEMÓRIA DOS ALUNOS DESTA ESCOLA DEPORTADOS DE 1942 A 1944 PORQUE NASCERAM JUDEUS, VÍTIMAS INOCENTES DA BARBÁRIE NAZISTA COM A CUMPLICIDADE DO GOVERNO DE VICHY. ELES FORAM EXTERMINADOS NOS CAMPOS DA MORTE. 100 CRIANÇAS VIVIAM NO 16^oème. NÃO OS

ESQUECEREMOS JAMAIS. 17 DE MAIO DE 2003.

Na estação ferroviária de Compiègne, a 80 quilômetros de Paris, lê-se em suporte de mármore branco, em formato retangular o registro dos deslocamentos dos prisioneiros sem direção aos campos de concentração nazistas.



Figura 9 – Monumento às vítimas do nazismo em Compiègne, França. (Foto do Autor)

AQUI 48.000 PATRIOTAS SAÍDOS DO CAMPO DE ROYALLIEU FORAM DEPORTADOS PARA OS BANHOS NAZISTAS. AUSCHWITZ. BERGEN-BELSEN. BUCHENWALD. DACHAU. DORA. FLOESSENBURG. MAUTHAUSEN. NEUENGAMME. ORANENBURG. RAVENSBRUCK. STRUTHOF. NÃO ESQUECER JAMAIS. 1941-1994.

No museu a céu aberto de Birkenau, na Polônia, em placa de metal depositada sobre um piso de pedras, lê-se, também em caixa alta:



Figura 10 - Monumento às vítimas do nazismo em Birkenau, Polônia. (Foto do Autor)

QUE ESTE LUGAR ONDE OS NAZISTAS ASSASSINARAM UM MILHÃO E MEIO DE HOMENS, DE MULHERES E DE CRIANÇAS, A MAIORIA JUDEUS DE DIVERSOS PAÍSES DA EUROPA, SEJA SEMPRE PARA A HUMANIDADE UM GRITO DE DESESPERO E UM ALERTA. AUSCHWITZ-BIRKENAU. 1940-1945.

Como fizeram gregos e romanos, os caracteres são escritos em caixa alta, como se os registrados em caixa baixa pudessem ofuscar a força e o valor das inscrições. Ora em placas retangulares, coladas em paredes ou em piso, ora em monumentos verticais em pedra, as inscrições se agregam aos suportes e aos tipos de caracteres para alcançar uma dimensão maior do que elas próprias.

Nem sempre, contudo, a escolha do suporte se presta à intenção de perpetuar uma inscrição, porque antecipadamente se sabe que pode se tornar

anacrônica com o avançar do tempo. A placa das ruas, por exemplo, são comumente feitas de material não perecível, mas não tão perenes. Há, contudo, em ruas europeias, inscrições na própria pedra, superadas pelo tempo, ou ainda sendo atualizadas. Esses suportes com nomes de rua estão sempre, em todo o mundo, acima das cabeças dos homens, ora sobre barras verticais, ora nas próprias paredes. Quero destacar, neste artigo, uma placa de pedra existente na cidade galega de Tui, na Espanha, incrustada em parede. Considero-a de interesse, porque ela apresenta o nome atualizado da rua, com a incorporação de dois de seus nomes anteriores, superados pelas mudanças sociais e políticas havidas ao longo de sua história.



Figura 11 – Placa de rua em Tui, Espanha. (Foto do Autor)

Rua Porta da Pia
Antes
Rua do Generalíssimo
Rua da Peixaria

Supostamente, o primeiro nome teria sido dado pela população graças às casas de venda de peixe, e o segundo teria sido imposto pelos políticos locais interessados em agradar a Francisco Franco, ditador espanhol do século XX, tratado por *Generalíssimo*. Superados os momentos econômicos e políticos, as velhas placas morrem, mas renascem em outra, em suporte de pedra para, supostamente, não deixar morrer a história da rua. Incrustados na pedra estão os indícios que indicam seu valor histórico.

Na entrada da mesma cidade, próximo à fronteira portuguesa, uma placa de informação geográfica e de trânsito com o símbolo da comunidade europeia, construída em material de vida não muito longa, acolhe duas inscrições feitas com instrumentos e intenções opostas. Elas revelam a disputa política, separatista, entre a Galícia e a Espanha.



Figura 12 - Placa de tráfego, entre Portugal e Espanha. (Foto do Autor)

A primeira inscrição em caixa alta registra ESPANHA, com marcas de apagamento, e logo abaixo 1 Km. A segunda, feita por tinta branca em spray sob o fundo azul, em caixa alta manuscrita, registra GALIZA, com a intenção de informar que o viajante está prestes a entrar nas terras da Galícia, não da Espanha. O suporte oficial, contraditoriamente, oferece também a informação clandestina. O manuscrito, impregnado de valor patriótico regional, ataca o impresso, representante do oficial. São forças em disputa que se manifestam em traços, tintas e formas de letras em um mesmo suporte de material razoavelmente perecível. Fixos, os suportes não podem circular, mas são os seus leitores os responsáveis pela circulação virtual dos enunciados.

6 As inscrições e suportes menos perecíveis, mais perecíveis e os de vida curta

Para dar relevância a uma inscrição em relação à outra, na Grécia, o profissional que gravava - que poderíamos chamar de gravador - não jogava apenas com a forma das letras, mas com o espaço branco e com o espaçamento entre linhas. A relação entre traço, espaço branco e suporte se modifica aos poucos. Na cultura ocidental esses elementos alcançam um grande ponto evolutivo na era carolíngia quando

Uma nova prática consistia em espaçar as letras, para facilitar a leitura; depois um século

mais tarde as palavras foram claramente distintas umas das outras. A leitura ‘ocular’ substitui então a leitura em voz alta ou baixa. No século XII, a qualidade dá aos manuscritos uma legibilidade perfeita, com as letras fechadas e as palavras espaçadas. (PARISSE, 2012, p. 300).

Essa valorização do olhar sobre as inscrições orientavam, desde a Antiguidade, a escolha dos suportes e do material que os compunha. No Vale do rio Danúbio, por volta de 500 anos a.C., foram encontrados escritos que racionalizavam o espaço da superfície do suporte. Guichard (2012, p. 25) entende que era colocada em prática “uma educação dos olhos para a leitura, também essencial à escrita e ao ato de escrever”. Na Grécia antiga, escrever não era somente “fixar sobre um suporte uma mensagem transposta em signos convencionais, mas também criar um objeto artístico” (VANDERMERRSCH, p. 244).

Arte e escrita se encontram sobre os suportes mais variados, mas são os flexíveis, leves, e por essa razão, perecíveis, que permitem o burilamento artístico e a manifestação de traços diferenciados dos caracteres. Ao estudar os manuscritos literários e sua relação com os suportes, Bustarret (2012, p. 341) afirma que “as qualidades físicas do suporte e os instrumentos interferem no curso da redação, no plano material e no plano semiótico”. No Museu de Cartas e Manuscritos de Paris, podem ser

observadas essas relações entre suporte e escrita manual, entre a criação íntima de cartas pessoais e seus suportes, mas também a criação literária, com tintas, penas e papéis variados.

O uso e criação de suportes flexíveis e perecíveis acompanham a própria história humana. Na minha infância na metade do século XX, os fogões à lenha produziam tições, restos de madeira parcialmente queimada, usada como combustível. Com eles, pedras, pisos de cimento e o chão de terra dura recebiam traços de letras indecisas de nomes em fase de apropriação. O tição, ainda no século XX, desde os tempos da descoberta do fogo, servia como instrumento de registro fora do cérebro das intenções do homem. Mais interessante e curiosa, entretanto, parece ser a construção de tapetes religiosos pelas ruas com sal, farinha, outros pós e tantos grãos, por ocasião de festividades religiosas. Na pequena vila de Vitorino dos Piães, no Alto Minho, no domingo de 22 de junho de 2014, uma procissão caminhava sobre um desses tapetes que apresentava, no ponto inicial, o brasão da vila, seu nome e frases religiosas, cuidadosamente escritas no sábado. Em poucos minutos foram destruídas pelos pés dos fiéis, durante o curto trajeto entre o início da rua e a igreja, no final dela.



Figura 13 – Tapete religioso de Corpus Christi em Vitorino de Piães, Portugal. (Foto do Autor)

A primeira inscrição CORPO DE DEUS, estava na parte superior; na parte inferior, o nome da Vila e o ano, todos em caixa alta, compostos todos por grãos negros sobre grãos brancos de sal e sobre pó de cor marrom. O tipo de letra, os elementos físicos de sua construção, o tipo de enunciado, os suportes e a sua natureza perecível compuseram um conjunto harmonioso planejado para ser destruído pelos pés, sem perder, contudo, o seu valor moral e religioso. Se na Grécia antiga e nas placas sólidas parisienses o valor estava no caráter perene do suporte, neste caso, o valor permeia todo o conjunto simbólico que inclui o seu desaparecimento iminente.

Um cartaz em papel branco, fotografado pelo pesquisador em julho de 2014 em uma parede de pedra, na aldeia de Durfort, no sul da França, anunciava o deslocamento de uma Festa de São João. Elaborado para alertar as poucas pessoas que circulavam pela rua, o cartaz, seu

suporte e suas características indicavam a sua natureza extremamente efêmera.



Figura 14 – Festa de São João em Durfort, França. (Foto do Autor)

Festa de S. João
 MUDOU PARA A CASA DE
 CECILE
 CAMINHO de SAUVE
 200 metros à direita direção
 Séveraigues
 « Association à la volée ».

O papel aproximadamente do tamanho A4 poderia ser destruído por chuva ou por mãos de passantes; não havia indicação de datas. De circulação efêmera, o suporte escolhido era frágil. Suporte, papel e letras traçadas com canetas hidrográficas e com a caneta esferográfica contrastavam com a dureza da superfície onde o cartaz fora afixado. Enquanto a pedra era multissecular, o papel duraria horas, apenas. De pouco valor e de circulação restrita a poucos interessados, o cartaz morreria logo em razão da natureza perecível do suporte

e do lugar onde se encontrava: na parede de pedra de uma rua que ouvia, em silêncio, o tocar das horas do relógio da igreja medieval.

7 Os suportes nas mídias informatizadas

Há alguns anos, em entrevista concedida a um jornal brasileiro, um cidadão responsável por registro de documentos históricos revelava o aspecto perecível dos documentos armazenados em CDROM. Apresentava o argumento de que as mídias são frequentemente alteradas, refeitas, transformadas, renovadas. Ao se renovarem, lançam no lixo sua própria história e a possibilidade de recuperação dos arquivos já gravados. Basta ver o que aconteceu com os disquetes, grandes e pequenos, que já não têm os drives de leitura, com os CDs, com os programas que não mais rodam e com milhares de fotografias arquivadas que nunca serão revisitadas e, possivelmente, não terão no futuro programas que as leiam. Quem um dia usou os processadores de texto na década de 90 como o *Carta Certa* e o *Word Star*, viu seus artigos mergulharem num abismo profundo, escuro e sem retorno. Ilusão de quem, bem iludido, acreditava que ficariam “gravados para sempre”.

A invisibilidade dos arquivos de texto tem origem na codificação dos processadores. Ao tocar nas letras no teclado, toca-se em sinais codificados que serão arquivados na memória. O texto que queremos visível não está gravado, mas pode se tornar visível quando apare-

ce na superfície, lido pelo processador e exposto em um suporte material – a tela. É a esse processo que se refere Jeanneret (2012, p. 395), ao afirmar que

As mídias informatizadas conservam as mensagens sob uma forma codificada e invisível e, paralelamente, multiplicam as formas materiais, perceptivas e operatórias sob as quais as mensagens aparecem para o homem: eles associam a inscrição ilegível à escrita legível.

A escrita na tela não seria, para Jeanneret (2012), uma escrita desmaterializada por ser a tela virtual. Ao finalizar a energia, a tela escurece, a escrita desaparece, mas continua arquivada. De fato, ela usa, primeiramente, um suporte material – a tela – pelo qual ressurgiu diante dos olhos do leitor, mas, posteriormente, é gravada sobre outro suporte, também material – o papel deslizado sob os cartuchos de tinta ou de pó de uma impressora. Não há, para Jeanneret, imaterialidade, mas outra materialidade, isto é, uma dupla materialidade de um mesmo texto, em dois suportes distintos, pelos quais pode circular de modos diferentes, para atingir pessoas em esferas também distintas. Para Jeanneret (2012, p. 398)

[...] não é a imaterialidade que caracteriza a escrita da tela, mas uma dupla materialidade: a que, fisicamente constituída, do suporte que permite a afixação, e a puramente semiótica, de evocação da escritura material.

A inscrição do programa é legível somente pelo técnico; as formas propostas ao usuário apelam para a memória das materialidades da cultura.

Ao chegar abrindo as portas do mundo aos chutes, a cultura digital rompeu também com o conceito de materialidade dos suportes, porque a tela, como o casco da tartaruga, a placa de cerâmica ou os blocos de mármore, é um objeto material, mas serve para a manifestação de um texto que, por ser invisível para o leitor comum, supõe-se imaterial. Não há, todavia, como não perceber a imensa gama dos suportes pelos quais os textos se manifestam, tendo a tela como ponto de partida, e conceber a amplitude de sua circulação, porque, como afirma Jeanneret (2012, p. 398),

Essas evoluções afetam o modo de existência do texto. A aderência do signo ao suporte é um fato técnico consubstancial à existência da escritura, do tablete sumeriano à imprensa moderna. Com o regime de informatização do texto, a inscrição e a manifestação se dissociam. Não é a tela que circula, mas uma cadeia codificada que permite a aparição do texto em outro lugar e além: folha A4 de impressora, tela de computador, imagem projetada, fragmento afixado sobre um telefone. O texto não é desmaterializado, mas ele perde seu caráter de objeto individualizado e torna-se um

evento, reiterado à solicitação pelo gesto do leitor gestualizado que o requer, solicitando o procedimento técnico.

A foto do velho Trabant já comentada neste artigo pode confirmar a argumentação de Jeanneret, porque, para expor a folha em seu vidro, o seu proprietário-pedinte-mendigo teria tocado em teclas do computador, cujos circuitos teriam criptografado os caracteres utilizados e os espaços demarcados. Decriptografados em seguida, materializaram-se diante dos olhos do digitador, na tela, que se tornou o suporte que deu ao enunciado a condição de ser legível. Submetido à impressora doméstica, o papel branco, outro suporte material, acolheu as marcas escuras e os espaços em branco, para compor, em caixa alta como é frequente, o pedido de esmolas ao passante. Assim se deu a segunda materialização do enunciado sobre outro suporte que lhe garantiria a circulação em esferas diferentes daquela em que foi elaborado inicialmente. Possivelmente, o carro com sua porta e vidros, seria estacionado em outras vias turísticas para obter mais donativos. Certamente seria evitada a sua circulação em áreas de concorrente mendicância, mas o vidro se equipara à tela do monitor em que o texto apareceu pela primeira vez.

Os mesmos procedimentos, com questões de valor de outra ordem, foram aplicados para fazer circular um enunciado composto por ícones, mapas, espaços e caracteres, colocado nas trilhas que iam em direção aos dolmens das

montanhas Paillères, no sul da França, como se pode ver na foto abaixo.



Figura 15 – Aviso nas Montanhas Paillères, França. (Foto do Autor)

PERIGO. NÃO SAIR DAS TRILHAS BALIZADAS.

Após o afundamento de um poço devido a uma vasta rede subterrânea de minas antigas, para sua segurança, não saia das trilhas balizadas, não estacione o seu veículo em um local chamado A Velha Montanha. Obrigado pela sua compreensão.

Composto por meio de instrumentos digitais, impresso em papel branco com tintas coloridas e pretas, o aviso não foi colocado sobre outro suporte como pedra ou madeira que pudessem garantir sua longevidade, mas sobre o solo. Por ser de natureza perecível, a folha de papel fora plastificada, depositada sobre a terra, sob uma árvore, presa por pequenas pedras para evitar que o vento a levasse. Trata-se de um daqueles enunciados ditos oficiais, extremamente

importantes, dirigido aos visitantes que vão observar as antas pré-românicas no alto da montanha, mas, contraditoriamente, a forma de sua circulação, seu suporte e o modo como foram fixados ao solo não espelham o valor a eles atribuídos na relação entre orientadores e orientados, e nem respeitam a característica duradoura a eles inerente.

A dupla materialidade dos suportes levada a efeito pelo mundo digital irriga a circulação dos enunciados nas amplas esferas sociais, mas pouco alimenta, ainda, a renovação da criação de escrita na cultura escolar de escolas públicas. Há a tendência de se evitar usar o papel como suporte, quando se tem a tela para tornar legível o texto codificado, sob o argumento de que é necessário preservar as árvores e baixar custos operacionais. Essa medida, indiscutível desse ponto de vista, impede, contudo, a reprodução de um ato social, o da impressão no velho suporte papel, revitalizado, como a própria língua, pelas ferramentas digitais.

Um grande cartaz, colado a uma parede de uma biblioteca escolar em Paris funde essa dupla materialização, necessária para reelaborar o conceito de biblioteca escolar, sua composição, seus bens, seu funcionamento e suas relações com a cultura. A foto abaixo registra um conjunto de expressões e de palavras, que, em cores múltiplas, se dirigem diretamente aos alunos que por ali circulam.



Figura 16 – Cartaz em biblioteca escolar parisiense. (Foto do Autor)

Se você diz “Biblioteca”
Texto palavras inventar história
em quadrinhos lugar relaxamento
refletir confortavelmente copiar
exposição refletir engraçado
documentário ler livro descoberta
história fatigante autores calma
Perrault tranquilo clube aprender
futebol folhear romance piada
histórico escrever pirata contar
jornal fascinante Harry Potter
desenhar se sentar leitura
ambiente pesquisar descobrir
álbum Grimm assassinato

Com paciência, as crianças podem aceitar o jogo proposto pelo conjunto colorido de palavras para ensaiar colocá-las umas mais próximas das outras conforme os ditames da sintaxe exigidos para construir um claro enunciado discursivo. A segunda materialização o leva a circular por todas as bibliotecas escolares de Paris com a intenção de informar o que elas podem oferecer e que relações podem ser ali construídas entre

leitores, livros, papéis, canetas, pincéis, exposições verbais, investigações e descobertas acerca do responsável pelo assassinato de um personagem.

Usar bem os suportes e suas inscrições nas escolas é um obstáculo ainda a transpor. Fazer circular os suportes sociais nas escolas, fora de seu ambiente anteriormente previsto, pode não conservar todas suas características e relações de sentido, mas sugere, pelo menos, um modo significativo de apropriação dos enunciados pelas crianças e a compreensão de suas funções.

Introduzo a última foto que, por sua composição, me leva a analisar essa relação entre suportes, objetos e seus nomes empregados em alfabetização. A cultura escolar criou a tradição de estabelecer clara relação entre a imagem de um objeto e o seu nome para que a criança se aproprie da palavra e de seu conceito. Não me importa aqui discernir entre a abordagem fonética, sintética, analítica, global ou gráfica da palavra, mas a de discutir a palavra como um enunciado, se estiver contextualizada e apoiada sobre um suporte, com tipos de letras, composição espacial e modos de circulação que lhe agregam valor e sentidos.

Na introdução deste artigo fiz referência à palavra *Cozinha* colada em uma porta para apontar que a palavra não seria uma etiqueta do objeto, mas indicadora de sua função nas relações sociais. É comum encontrar em salas de escolas públicas o desenho de um sorvete acompanhado da palavra *sorvete*.

Pouco importa o suporte e o modo como a palavra assim colada circula. Na foto abaixo, um furgão de venda de sorvetes, nas proximidades da antiga casa do pintor Monet em Giverny, na França, funciona como suporte em deslocamentos frequentes para a figura de um sorvete e dos enunciados que a acompanham.



Figura 17 – Furgão de vendedor de sorvetes, Giverny, França. (Foto do Autor)

SORVETES CASA
SORVETES FEITOS EM CASA
Casquinhas confeitadas

Não se trata de escrever sorvete ao lado da figura, mas de indicar pelo ícone e pela marca do produto as suas qualidades. Suporte, valor agregado, e modos de circulação redimensionam a palavra e dão a ela os sentidos que lhe faltam na etiqueta escolar. O fato de o ensino da língua materna preservar algumas características da palavra, de seu suporte e de seu modo de circulação,

proporciona à criança melhores condições de apropriação dos enunciados discursivos. Ao chegar ao final deste artigo, perceberá o leitor que as traduções dos enunciados das fotos deslocados de seus suportes, e destacados das fotografias a eles correspondentes, não conseguiram preservar os sentidos originais.

8 Conclusão

Anunciei no início deste artigo que levaria a discussão sobre os suportes na história da escrita por caminhos sinuosos para tentar chegar, no final, às proximidades da escola e, possivelmente, à sala de aula de alfabetização.

Recorri a um conjunto de pesquisadores franceses, reunidos em uma obra extraordinária, organizada por Anne-Marie Christin, notável estudiosa da história da escrita na França, e tentei estabelecer ligações com cenas de escrita registradas pela lente de minha câmara digital, por meio da qual via paisagens, mas também as manifestações escritas em suportes os mais diferentes, nas situações mais inusitadas. Entre tantas fotos, resultantes de minha permanência na França por dez meses, graças a uma bolsa de pós-doutorado concedida pela FAPESP, nem todas puderam ser analisadas. Foi necessário desprezar muitas cenas que não puderam participar deste jogo entre passado e presente no mundo da cultura escrita.

Referências

- BRIQUEL, D. L'écriture de l'Italie Antique. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 253-261.
- BUSTARRET, C. Les manuscrits littéraires modernes et leurs supports. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 341-347.
- CHARMEUX, É. *Aprender a ler: vencendo o fracasso*. São Paulo: Cortez, 1994.
- CHRISTIN, A. M. *Poétique du blanc: vide et intervalle dans la civilisation de l'alphabet*. Paris: Vrin, 2009.
- DOBIAS-LALOU, C. Les alphabets grecs. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 241-248.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, RS: Artes Médias, 1986.
- GRIOLET, P. L'écriture au Japon. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 131-149.
- GUICHARD, M. Le avant-courriers de l'écriture dans la vallée du Danube. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 25-27.
- JEANNERET, I. Écriture et médias informatisés. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 395-402.
- JOLIBERT, J. *Formar crianças produtoras de textos*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.
- PARISSE, M. L'écriture au Moyen Âge. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 295-311.
- PINAULT, Georges-Jean. Écritures de L'inde continentale. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 101-129.
- RENONCIAT, A. Typographies pour l'enfance. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 375-379.
- VANDERMEERSCH, L. De la pyroscapulomancie à l'écriture. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 98-99.
- _____. Pratique de la calligraphie chinoise. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 95-97.
- VIALOU, D. L'Inscrit, avant l'écrit. In: CHRISTIN, A. M. (Org.). *Histoire de l'écriture: de l'ideogramme au multimedia*. Paris: Flammarion, 2012. p. 17-24.

Recebido em agosto de 2014

Aprovado para publicação em agosto de 2015